

OBSERVATORIO DE LAS CIENCIAS SOCIALES EN IBEROAMERICA

MANIFESTAÇÕES DO TANATHOS E A PSICOLOGIA DE MASSAS NO ULTRARROMANTISMO E NA SUBCULTURA GÓTICA

Valdenor Machado Sena;

Centro Universitário Luterano de Manaus CEULM/ULBRA.

E-mail: spawn.battousai@gmail.com¹

Kamila Roberta Monteiro Mafra;

Centro Universitário Luterano de Manaus CEULM/ULBRA.

E-mail: kamila.mafra23@gmail.com²

Marcelo Augusto Zacarias, Orientador;

Centro Universitário Luterano de Manaus CEULM /ULBRA.

E-mail: marcelopsy3@gmail.com³

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Valdenor Machado Sena, Kamila Roberta Monteiro Mafra y Marcelo Augusto Zacarias: "Manifestações do tanathos e a psicologia de massas no ultrarromantismo e na subcultura gótica", Revista Observatorio de las Ciencias Sociales en Iberoamérica, ISSN: 2660-5554 (Vol 2, Número 13, agosto 2021, pp.1-17). En línea:

<https://www.eumed.net/es/revistas/observatorio-de-las-ciencias-sociales-en-iberoamerica/ocsi-agosto21/manifestacoes-tanathos>

RESUMO

Busca-se neste trabalho analisar parcelas do subgênero chamado ultrarromantismo e da subcultura gótica e compará-los, ao conceito freudiano de pulsão de morte, também chamado de Tanathos. Bem como mostrar que o período de histórico em que se desenvolveu este movimento teve impacto total no conteúdo das obras, assim como tentará mostrar a força que esses movimentos tiveram e ainda têm na concepção psicológica de seus membros.

Palavras-chaves: Ultrarromantismo, Psicanálise, Literatura. Subcultura gótica.

MANIFESTACIONES DE TANATHOS Y LA PSICOLOGÍA DE MASAS EN ULTRARROMANTISMO Y SUBCULTURA GÓTICA

¹ Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Luterano de Manaus CEULM /ULBRA.

² Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Luterano de Manaus CEULM /ULBRA.

³ Docente; Orientador; Coordenador do curso de Psicologia do Centro Universitário Luterano de Manaus CEULM /ULBRA.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es analizar partes del subgénero llamado ultrarromantismo y subcultura gótica y compararlas con el concepto freudiano del impulso de la muerte, también llamado Tanathos. Así como mostrar que el período de la historia en el que se desarrolló este movimiento tuvo un impacto total en contenido de las obras, así como tratar de mostrar la fuerza que estos movimientos tuvieron y aún tienen en la concepción psicológica de sus miembros.

Contraseñas: Ultrarromantismo, Psicoanálisis, Literatura. Subcultura gótica.

MANIFESTATIONS OF TANATHOS AND THE MASS PSYCHOLOGY IN ULTRARROMANTISM AND GOTHIC SUBCULTURE

ABSTRACT

This work seeks to analyze portions of the subgenus called ultrarromantism and the Gothic subculture and compare them to the Freudian concept of death drive, also called Tanathos. As well as showing that the historical period in which this movement was developed had a total impact on the content of the works, as well as trying to show the strength these movements had and still have in the psychological conception of their members.

Keywords: Ultrarromantism, Psychoanalysis, Literature. Gothic subculture.

INTRODUÇÃO

A ideia de perda, da dor e da morte sempre esteve presente nas mais diversas formas de arte desde os tempos imemoriais, porém o Romantismo, mais precisamente expoentes da sua segunda geração também conhecidos como Ultrarromantismo, pode ser considerado um dos primeiros movimentos de massa a produzir impactos negativos bem visíveis na sociedade, vide o grande número de atos antissociais a ele relacionados na época.

O mesmo pode ser dito sobre a subcultura gótica uma vez que ela é sempre relacionada no senso comum a automutilação, satanismo, depressão e suicídio, ignorando totalmente todas as facetas que fazem dessa subcultura tão atraente para tantas pessoas. (Gordillo,2011)

Este trabalho não visa difamar esses movimentos, tampouco culpá-los por atos extremos erroneamente relacionados a eles, atos esses que, se analisarmos sob a ótica psicológica teriam motivações que tornariam estes movimentos quase irrelevantes, uma vez que as ações das pessoas tem um caráter totalmente subjetivo (Silvia & Couto,2009); e sim mostrar como o conceito freudiano de Tanathos ou pulsão de morte se faz presente em ambos os movimentos, bem como expor o papel da psicologia das massas em sua criação, divulgação e manutenção.

Para tanto não se pode analisar os movimentos como um todo, tarefa impossível de se fazer num único trabalho acadêmico, vide toda a complexidade de ambos, então se analisará fragmentos destes movimentos e compará-los às teorias freudianas

METODOLOGIA

Como metodologia de construção deste artigo foi utilizado uma pesquisa bibliográfica e esta foi analisada pelo modelo de Pesquisa Comparativa, tal como foi proposto por Fachin (2005), que consiste em se analisar situações, pessoas ou pensamentos distintos e lhe apontar suas semelhanças e diferenças.

No caso deste artigo, primeiro se expõe o que conceito de Tanathos e Psicologia de Massas, conforme Freud mostra em suas obras, depois se faz uma exposição do que é o ultrarromantismo e o que é a subcultura gótica e por fim, comparar ambas as teorias freudianas usadas no início do artigo.

1. O CONCEITO PSICANALÍTICO DE TANATHOS E DA PSICOLOGIA DE MASSAS

A psicanálise em seu nível mais elementar trabalha com a ideia de que a mente humana, tal como uma máquina, também tem mecanismos de fluxo energético. Freud (1905) definiu um desses mecanismos, que têm origem dentro do organismo, como pulsão, que no seu entender seria uma energia que gera ação e estimularia movimento, sendo que a pulsão não se trataria de uma forma de energia que simplesmente seria gasta e em então desapareceria, por isso o organismo continuamente a fica redirecionando.

Em "*Além do princípio do prazer*" (1920), Freud citava que essas pulsões se dividiam basicamente em duas, que estavam sempre agindo na psique humana, são elas o *Eros*, a pulsão de vida, o *Tanathos*, a pulsão de morte. O *Eros* seria o desejo de continuidade e de manutenção que gerariam ações e desejos voltados para esse fim, que é manter a vida com qualidade, então o *Eros* é um instinto "conservador".

Já o *Tanathos* seria um desejo de retornar ao estágio inicial, que seria um estágio sem vida e reduzido a minerais, como os encontrados na natureza que são os elementos que constituem o corpo humano em seu nível mais básico, então o *Tanathos* seria um instinto "destruidor". (Freud, 1920).

Essas pulsões, embora antagônicas, estão sempre ligadas numa dicotomia que acaba por ser a propulsora mais básica de nossos atos e desejos. Um exemplo dessa dicotomia pode ser observado no contexto celular: ao se nutrir de oxigênio e nutrientes, a célula gera radicais livres, estes, ao se acumularem na célula, provocam seu envelhecimento e sua morte, então ao mesmo tempo em que faz a manutenção da sua existência, o ato de se nutrir acaba por gerar os elementos que irão destruir a célula. Os radicais livres, se colocados nessa ótica psicanalítica, agiriam sob o impulso de fazer a célula retornar ao estado mineral que seria o primeiro estágio dela. (Ferreira & Matsubara, 1997).

Freud já observava que esse conceito de vida e morte simbioticamente ligados e de retorno a um estado anterior já estava presente em várias culturas antigas, principalmente na Grécia, citada por ele como um exemplo (Freud, 1920). E estes conceitos também são citados na obra "*O mal-estar na civilização*" (1930), que o levou a conclusão pessimista que embora os seres humanos busquem a vida, seu destino final acaba sempre em morte e destruição para si e para seus semelhantes.

Já a psicologia de massas surgiu para Freud como resultado da percepção de que é impossível estudar a psique humana sem levar em conta os fenômenos sociais, uma vez que, grande parte das neuroses com o qual se deparou tem algum componente de origem social (Freud, 1913). E tanto é verdade este fato que à medida que o século XX avançava, Freud cada vez mais abordava em suas teorias um enfoque voltado para o social, uma vez que presenciava mudanças radicais que estavam ocorrendo na Europa de sua época.

E partindo deste princípio ele se pôs a estudar os grupos humanos, grupos esses que vão muito além de meramente um amontoado de pessoas e que possuem em seu interior laços emocionais, que os unem principalmente em torno de algum tipo de líder e que faz com os membros participantes permaneçam unidos em prol de algum objetivo (Freud, 1921).

2. O ULTRARROMANTISMO

O romantismo foi um movimento múltiplo que existiu do final do século XVIII e primeira metade do século XIX, ele tinha como característica principal, apesar de todas as suas diferenças internas, o individualismo. Ele surgiu após eventos sociais extremamente significativos, sendo seus pontos culminantes a Revolução industrial e a Revolução Francesa (1789-1799), que culminaram com o fortalecimento da burguesia e um enfraquecimento do clero e da nobreza. Este movimento poderia ser resumido nesta passagem:

O romantismo é por excelência contraditório simultânea (ou alternadamente) revolucionário e contrarrevolucionário, individualista e comunitário, cosmopolita e nacionalista, realista e fantástico, retrógrado e utopista, revoltado e melancólico, democrático e aristocrático, ativista e contemplativo (Lowy & Sayre, 1938/1992. pág.9).

Portanto, o Romantismo como descrito acima é por natureza um movimento de grandes forças antagônicas, que ao mesmo tempo que quer se libertar das amarras da arte ligada ao clero e a nobreza, também possui um elitismo próprio, é um movimento onde o mundo externo e o interno são misturados em busca de se produzir uma arte transcendental tal como exposto neste trecho:

No culto idealizante da distância, o romântico não deixa de criar para si mesmo a imagem - também distante - de um Eu ideal, permanentemente desmentido nos limites da vida cotidiana, mas por isso mesmo considerado mais autêntico, mais verdadeiro... Se vê como um ser duplo e conflitante : sua pessoa histórica, material, vivendo como qualquer outra as circunstâncias pequenas da vida, recusa essa limitação e projeta num espelho ideal o que seria o seu rosto verdadeiro, ainda que problemático: o rosto das paixões absolutas ... Sua arte ganha com isso a qualidade de uma movimentação intensa e sofrida, tornando-se a expressão mesma desse movimento, o testemunho vivo dessa frustração No plano das idealizações, é a afirmação da Morte mesma, identificada como o último Absoluto (Villaça, 1994, pág. 11 & 12)

E esse sentimento dualista, também afetou a noção de crenças, pois como pode ser conferida na obra de William Blake (1757-1827), religiosidade cristã também poderia ser vivenciada numa esfera mais pessoal tal como trecho a seguir:

Sem contrário não há evolução. Atração e Repulsão, Razão e Energia, Amor e Ódio são necessários à existência humana. Destes contrários nasce aquilo que o religioso denomina Bem

& Mal. O Bem é o passivo que obedece a razão. O Mal é o ativo que surge da Energia Bem é Céu. Mal é Inferno (Blake, 1794)

Blake foi um artista inglês da primeira geração do romantismo, em sua vida observou diversas mudanças ocorridas dentro de seu país, e a religiosidade cristã talvez tenha sido o tema mais abordado em sua obra, porém, nelas não são vistas os dogmas da igreja, exposta em seus versos como limitantes e escravizantes, e sim como exposto acima, numa visão pessoal dos personagens e fatos descritos na Bíblia, e tudo isso torna sua obra além de poética, altamente mística, por isso seu trabalho foi tão influente junto a artistas posteriores (Marsicano, 2011).

E essa dicotomia e rompimentos tornou a arte mais atraente a um grande público, pois com todas as facetas citadas acima diferentes grupos se identificaram com o movimento. Essa liberação é descrita por Arnold Hauser desta forma:

A revolução [francesa] e o movimento romântico marcam o fim de uma época cultural em que o artista se dirigia a uma “sociedade”, a um grupo mais ou menos homogêneo, a um público cuja autoridade, em princípio reconhecia absolutamente. A arte deixa, agora, de ser uma atividade social orientada por critérios objetivos e convencionais, e transforma-se numa forma de auto expressão que cria os seus próprios padrões; numa palavra: torna-se o meio empregado pelo indivíduo singular para se comunicar com indivíduos singulares (Hauser, 1982, pág. 804).

Com isso se pode perceber que Romantismo deu os primeiros passos daquilo que séculos depois viria a ser a cultura pop, um exemplo disso foi esgotamento da obra *The Corsair*, que possuía uma tiragem de dez mil exemplares em apenas um dia (Britto, 2014).

O Romantismo tinha em sua origem uma mensagem positiva de progresso e nacionalismo, pois, como antes já mencionado (Lowy & Sayre, 1938/1992) ele vinha embalado pelo fervor das revoluções sociais e pela Revolução industrial, que pregavam a certeza de que os seres humanos resolveriam as injustiças e que a ciência acabaria com o sofrimento. Porém, sua segunda geração, que é o que será focado neste trabalho, estes sentimentos se fazem quase que totalmente ausentes, uma vez que os resultados negativos destas revoluções somadas ao pessimismo pessoal de muitos destes artistas produziram a vertente conhecida como ultrarromantismo, cujas características emocionais segundo Guerreiro (2011, pag. 190) poderiam ser resumidas assim: “O indivíduo vê-se cada vez mais desequilibrado, brutalizado, logo, infeliz. Daí sua recusa, expressa num fosso que se alarga cada vez mais entre ele e o mundo em crise”.

Os marcos desta perspectiva mais negativa são os escritos de Lord Byron (1788-1824) na poesia e de Goethe (1749-1832) no romance “*Os sofrimentos do jovem Werther*”. Byron ficou famoso como “poeta maldito” quando lançou no início de sua carreira o poema satírico *Lines inscribed upon a cup formed from a skull* (Versos inscritos numa taça feita de um crânio) que aqui é mostrado na tradução de Castro Alves (1870/2005):

“Não recueis! De mim não o foi-se o espírito...

Em mim verás -pobre caveira fria –

Único crânio que, ao invés dos vivos

Só derrama alegria

Vivi! Amei! Bebi qual tu: Na morte

Arrancaram da terra os ossos meus
Não me insulteis! Empina-me! ...que alarva
Tem beijos mais sombrios que os teus

Mas valguardar o sumo da parreira
Do que o verme do chão ser pasto vil
Taça -levar dos deuses a bebida,
Que o pasto do réptil

Que este vaso, onde o espírito brilhava,
Vá nos outros espíritos acender
Ai! Quando um crânio não tem mais cérebro
...Podeis de vinho o encher!

Bebe, enquanto inda é tempo! Uma outra raça,
Quando tu é os teus fordes aos fossos
Pode do abraço te livrar da terra
É ébria folgando profanas teus ossos

E por que não? Se correr da vida
Tanto mal, tanta dor ali repousa?
É bom fugindo à podridão do lodo
Servir na morte enfim p'ra alguma coisa! ...

Byron embora tenha tido uma vasta obra poética, teve, por causa deste poema, seu nome eternamente ligado a orgias, cemitérios e morbidez em geral, embora seja noutra obra chamada “*Childe Harold*” que teve melhor exposição do que seria a ambientação típica do Romantismo desta fase: o personagem tem origem nobre, é ocioso e materialmente vive de modo confortável, entregue a orgias que nunca o satisfazem e ama uma mulher que lhe é sempre inacessível, situação essa até certo ponto autobiográfica uma vez que diversas situações narradas de fato aconteceram na vida do poeta (Britto, 2014).

Para Barbosa (1974) essa imagem diabólica associada a Byron, principalmente para os românticos no Brasil, é fruto de uma grande deturpação uma vez que o poema “*Lines inscribed upon a cup formed a skull*”, como anteriormente citado, teve pouco impacto na carreira poética de Byron, que ainda era bastante jovem quando o escreveu e tinha nele uma mensagem totalmente satírica, e essa deturpação acabou fazendo com que surgisse “o byronismo de Noite na taverna e de inúmeros pastichos que lhe seguiram [...] a lenda de orgias fantásticas permaneceu e incendiou a imaginação dos jovens românticos do mundo inteiro” (Barbosa, 1974, pág. 24 & 26)

Uma das consequências deste “byronismo” foi vista no Brasil quando foi fundada no início do século XIX a Sociedade Epicureia, cuja descrição é esta:

Composta de um grande número de acadêmicos, tinha por fim realizar os sonhos de Byron. Um dos sócios, que hoje vive em Minas Gerais narrou - me o seguinte: Eram diversos os pontos em que nos reuníamos: ora nos Ingleses, ora nalgum outro arrabalde da cidade. Uma vez estivemos encerrados quinze dias em companhia de perdidos, cometendo, ao clarão de candeeiro, por isso todas as janelas eram perfeitamente fechadas desde que entrávamos até sair, toda a sorte de desvarios que se pode conceber (...). Alguns estudantes, que se entregavam mais doidamente a esses excessos, ou que eram dotados de uma constituição menos robusta, de lá saíram com moléstias que depois morreram. Essa associação teve grande influência na poesia de nossa mocidade; quem ler os diversos jornais sente acentos, desesperados nos versos que correspondem a essa época (Moisés, 2001, pág. 430-431).

Já a obra de Goethe teve igual ou superior reconhecimento em sua época, uma vez que até Napoleão andava com um exemplar de "*Os sofrimentos do jovem Werther*" durante suas campanhas, e sendo ela tachada de imoral e influenciadora de diversos suicídios pelo bispo Lorde Bristol, fato esse que serviu como uma espécie de propaganda involuntária; aqui tal como na obra de Byron, diversos elementos são de inspiração biográfica incluindo o desfecho da história, que é o suicídio do personagem principal, inspirado totalmente no suicídio de Karl Wilhelm Jerusalem, homem que circulava entre os amigos de Goethe (Backes, 2016a).

Talvez amparados pela grande carga biográfica contida nestas obras, os jovens deste período se identificaram fortemente com os sentimentos por elas transmitidos, o que fez com que esse movimento fosse levado para outras partes do continente europeu, como foi o caso de Portugal, onde o pessimismo dos ultrarromânticos encontrou terreno fértil numa nação que se sentia desamparada após assistir a família real fugir para o Brasil deixando o reino totalmente entregue para as tropas de Napoleão. (Pavanelo, 2009).

Uma amostra desse cenário desolador pode ser conferida num trecho do poema "A pátria" de autoria de Antônio Augusto Soares de Passos: "Ditosa e grande quando foi potente/Hoje abatida sem poder, sem nada" (Passos, 1983, pág. 39). Este poeta na sua obra mostrou um reino português decadente, que contrastava fortemente com as glórias do passado e apontava para a religiosidade como o único caminho para reerguer a nação e restabelecer o orgulho do povo lusitano. (Pavanelo, 2009).

A situação também não era muito diferente no Brasil, pois o romantismo inicial, que era marcado pelo otimismo da recém conseguida independência em relação a Portugal, a construção de uma identidade nacional e forte influência indigenista, logo seria substituído a partir de 1830 por produções que falavam da hipocrisia da sociedade de então, da busca por algum ideal que preenchesse o vazio existencial, de amores impossíveis, de saraus devassos, de depressão e morte, tudo isso produzido por jovens universitários que raramente passava dos vinte anos (Merquior, 1977).

Neste contexto, o melhor exemplo de rompimento com a estética dos primeiros românticos brasileiros foi Álvares de Azevedo, que estudou junto e manteve amizade com dois grandes nomes da primeira geração da literatura romântica brasileira: José de Alencar e Bernardo Guimarães, este autor levou uma vida de classe média, estando sempre frustrado com a velocidade da vida brasileira de então, muito diferente da velocidade frenética e aventureira que ele via em seus livros, dos quais

assiduamente lia; sua obra reflete as claras influências de Byron, no tocante a temática recheada de personagens entregues aos vícios, sem ideologia e que escondem algum segredo maldito, tendo também como pano de fundo de sua obra o *spleen*, "o mal do século" que era uma expressão de sentimentos do autor manifestada como um forte sentimento de angústia que só podia ser aliviado com um retorno à infância e curado com a morte, porém apesar de toda essa "aura negra" suas obras contêm trechos de humor até então desconhecidos na literatura brasileira (Faria, 2010), (Villaça, 1994).

O ultrarromantismo no Brasil começou a se modificar a partir de 1840, quando a temática negativa, mórbida e individualista começou a ser substituída por ideais mais engajados na modificação social, tal como a causa abolicionista e republicana, sendo esses ideais sintetizados principalmente na figura do poeta Castro Alves (1847-1871) embora este ainda tivesse influência da temática ultrarromântica, tendo inclusive um final parecido com os poetas ultrarromânticos (Rosa e Coelho, 2013), (Villaça, 1994), (Lajolo & Campedelli, 1980).

3. A SUBCULTURA GÓTICA

Dos movimentos da cultura pop surgidos no século XX, a subcultura gótica talvez seja a mais ampla e a mais difícil de definir, isso se dá devido à grande gama de assuntos que ela engloba, que vai desde a música, que é a faceta mais conhecida, embora não haja um estilo de música propriamente gótica, até moda, literatura, cinema e ideologia, estas já não tão expressas na mídia. (Gordillo, 2011). O termo "gótico" foi utilizado primordialmente durante o Renascimento na Itália, para se referir de modo pejorativo ao estilo arquitetônico da Idade média, visto por eles como um estilo bárbaro e pouco artístico (Malpica, 2010)

A música é o principal aglutinador primário para este grupo e Murdershowicz (2008) afirma que ela é um elemento de união, bem como muitas vezes é o elemento que dá sentido a um grupo, o que neste caso se encaixa, pois sem a música o gótico perde sua espinha dorsal.

Outro grande recrutador de novos membros foi, e continua sendo, o cinema, mesmo por que filmes como *Nosferatu* (1922), *O gabinete do Dr. Caligari* (1920), dentre outros lançaram bases estéticas para o que futuramente se constituiria como a subcultura gótica. Filmes mais recentes como *Fome de viver* (1983), que contou com a participação da banda de rock gótico *Bauhaus*; *Edward, mãos de tesoura* (1990); *Entrevista com um vampiro* (1994) e *O corvo* (1994) divulgaram o visual, e para alguns, o pensamento do que é ser gótico. (Ambrósio et al, 2010).

Segundo Oliveira (2016), o gótico se constitui como uma subcultura, uma vez que possui uma dinâmica, valores e comportamentos muito particulares embora permaneçam inseridos na sociedade urbana, uma vez que essa subcultura é praticamente inexistente, fora dos grandes centros urbanos.

Como movimento teve sua origem no final da década de 70 e se estabeleceu mais ou menos por volta de 1983, embalado pelo *pós-punk* de bandas como *Joy division*, *The cure* e o já citado *Bauhaus*, sendo que esta foi a primeira a receber o rótulo de "rock gótico", em ocasião do lançamento do *single Bela Lugosi's dead* em 1979 (Gordillo, 2010).

O Bauhaus possuía em sua sonoridade tanto os elementos do *pós-punk*, que eram bateria marcial, guitarras retas e forte presença do baixo; quanto elementos do *glam rock*, principalmente de

David Bowie, na forma de apresentações teatrais e apropriação de elementos da Alemanha pós primeira guerra mundial (Malpica, 2010).

No caso brasileiro, a subcultura gótica surgiu dentro do turbilhão cultural que foi o Brasil do início da década de 80, período em que a ditadura militar vivia seus últimos momentos e as novas expressões artísticas procuravam protestar contra o “sistema”, que representava tanto a política quanto a cultura brasileira já estabelecida (Abramo, 1994).

A sonoridade que os góticos ouviam, embora bastante variadas, possuíam em comum elementos eletrônicos bem como eruditos, que criavam uma atmosfera claustrofóbica no ouvinte, e suas letras abordavam desde isolamento social e desespero, como no caso do *Joy division* e do *The cure*, até vampiros, morcegos e morte, como no caso do *Bauhaus* (Villela et al, 2006)

E uma vez que o Bauhaus é considerado um marco zero para o Rock gótico, pode-se toma-lo como exemplo do conteúdo lírico de uma típica canção gótica, cheia de referências ao sobrenatural, mas que também aborda questões pessoais como pode ser conferido na letra da música *Bela Lugosi's dead* aqui traduzida:

Branco em brancas capas de um negro translúcido
 De volta ao passado
 Bela Lugosi está morto
 Os morcegos deixaram a torre do sino
 As vítimas foram sangradas, veludo vermelho bordeia o caixão negro
 Bela Lugosi está morto
 Bela Lugosi está morto
 Morto-vivo, morto-vivo, morto-vivo
 Morto-vivo, morto-vivo, morto-vivo
 A fila de noivas virgens passaram por sua tumba
 Coberta de flores mortas pelo tempo, desoladas no desabrochar mortal
 Sozinho numa sala escura, o conde
 Bela Lugosi está morto
 Bela Lugosi está morto
 Bela Lugosi está morto
 Morto-vivo, morto-vivo, morto-vivo
 Morto-vivo, morto-vivo, morto-vivo
 Morto-vivo
 Oh, Bela! Bela é um morto-vivo

Além da música, posteriormente essa subcultura adotou a literatura no seu interior, sendo que as temáticas destas obras literárias também abordam solidão, obscuridade e melancolia; autores como Poe, Rimbaud, Baudelaire, dentre outros ganharam uma nova roupagem e se tornaram símbolos de uma busca ao passado como uma negação da sociedade atual. (Villela et al ,2006).

Em Mundo gótico (Bradley, 2007) é narrado como ocorreu essa fusão, pois segundo esta obra, a melancolia, a decadência e a visão pessimista de mundo do Romantismo, dos romances clássicos e das novelas *pulp* quando fundidas ao som *pós-punk* criou as bases para o que hoje chamamos de

gótico, pois tanto a música quanto a literatura tratam do mesmo tema: a miséria da existência humana.

Outra parte bastante importante para a autoafirmação como gótico e chamativa para os que não fazem parte do movimento são o estilo de se vestir e de se maquiar, a cor é predominante o preto, tanto na maquiagem quanto no figurino, cuja finalidade é demonstrar um sentimento de apatia, desesperança e retraimento em relação à sociedade, em outras palavras um luto simbólico de si mesmo. (Marcial, 2008). Este é outro ramo bastante amplo da subcultura, pois apresentam diversas subdivisões: *victorian*, *trad*, *cyber*, *deathrock*, etc. todas tendo suas particularidades quanto ao visual.

Ainda fazendo uma análise sobre a aparência dos góticos é bem possível uma comparação ao movimento futurista, uma vez que os futuristas também tentavam provocar as pessoas e levar a sua mensagem, que no caso do futurismo era a negação das artes tradicionais, utilizando roupas que eram consideradas bizarras pela sociedade italiana do início do século XX e pesada maquiagem. (Marinetti, 1980).

Outro comportamento bastante chocante para os de fora do movimento e que é continuamente distorcido pela mídia comum são as reuniões em cemitérios, que para os góticos mais tradicionais esse hábito nada tem de satanista. O objetivo dessas reuniões num local que é “maldito” para a maioria das pessoas é refletir sobre a dicotomia vida/morte, que é uma metáfora para sua autoimagem social, pois o gótico se vê como um ser alienado, mas que ao mesmo tempo tem consciência da sua alienação, pois a sociedade que eles renegam é impossível de se livrar, daí a identificação com vampiros e outros seres sobrenaturais, pois estes se encontram presos neste mundo embora não pertençam a ele. (Gordillo, 2011)

4. TANATHOS E A PSICOLOGIA DE MASSAS NO ULTRARROMANTISMO

O romantismo como já citado anteriormente foi um movimento de controvérsias, no qual muitas vezes o real e o irreal se faziam presentes e por isso se pode analisar este movimento tanto sob uma ótica fantasiosa quanto do ponto de vista de um registro do pensamento e dos sentimentos daquele momento histórico. Porém mesmo as fantasias têm valor dentro da análise, pois elas acabam também revelando muitas facetas de quem as escreveu.

Para Freud “As forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos, e toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção de uma realidade insatisfatória” (Freud, 1908, pág. 137). É muito fácil transferir esse conceito para o ultrarromantismo, uma vez que os artistas expunham abertamente suas frustrações e buscavam na arte o meio de compensá-las.

Em outra passagem Freud explica o porquê de um escritor fantasiar:

A irrealidade do mundo imaginativo do escritor tem, porém, consequências importantes para a técnica de sua arte, pois muita coisa que, se fosse real, não causaria nenhum prazer, pode proporcioná-la como jogo de fantasia, e muitos excitamentos que em si são extremamente penosos, podem tornar-se uma fonte de prazer para os ouvintes e espectadores na representação da obra de um escritor (Freud, 1908, pág. 136).

Baseado nisso, se percebe uma situação bastante chamativa para um psicólogo: o fato de um tema ser consumido como fantasioso faz com que o público não perceba a dor do artista que é exposta naquela obra, e isso foi bem percebido dentro do contexto do romantismo onde doenças tanto físicas quanto psicológicas eram mascaradas sob um manto de obra artística, e isso fica bem claro no conceito de *spleen* adotado por muitos românticos como ideologia de vida e na ideia de que todo o artista deveria mergulhar na melancolia para se auto conhecer (Bittencourt, 2005) fatores que indiretamente acabavam por banalizar ou mesmo ridicularizar a depressão que muitos desses artistas genuinamente sofriam (Backes, 2016b).

Porém essa banalização pode ter tido efeito de gerar realmente uma depressão verdadeira em pessoas que tinham predisposição a ela e estavam inseridos no circuito romântico, pois como afirmava Freud “Quando as fantasias se tornam exageradamente profusas e poderosas, estão assentes as condições para o desenvolvimento da neurose ou da psicose” (Freud, 1908, pág. 139)

O ultrarromântico via apenas dois caminhos para sua dor: a morte, que para ele funcionava como uma libertação, ou um retorno à infância. A busca pela morte contrariava os ensinamentos da Igreja em relação à vida e uma das formas de cultuá-la era fazer visitas a cemitérios, visto pelos românticos como um local de plenitude e não de decadência como o resto da sociedade de então os enxergava, e na Inglaterra esse comportamento se iniciou quando o poeta Thomas Gray publicou *Elegy Written in a Country Churchyard* (Elegia escrita num cemitério camponês) (Guerreiro, 2011).

Já a busca pelo retorno à infância pode ser vista como um mecanismo para lidar com as frustrações contemporâneas, uma vez que na maioria das vezes que indivíduo está frustrado com seu presente ele se volta para o passado, seja ele o passado individual ou coletivo, para se confortar tal como afirmava Freud: “Provavelmente ainda se encontram sob o encantamento da infância, que lhes é apresentada por sua memória não imparcial como uma época de ininterrupta felicidade” (Freud, 1939, pág. 85).

E nisso se pode perceber que toda essa melancolia e falta de perspectiva podem ser vistas como manifestações do Tanathos, pois a busca da morte como uma libertação da dor de viver remete ao um pensamento bastante semelhante ao de se tornar imaterial que a pulsão de morte encaminha o indivíduo (Freud, 1920).

Um exemplo dessa manifestação de Tanathos dentro do ultrarromantismo pode ser visto no poema “Adeus meus sonhos!”:

Adeus, meus sonhos, eu pranteio e morro!
 Não levo da existência uma saudade!
 E tanta vida que meu peito enchia
 Morreu na minha triste mocidade!
 Misérrimo! Votei meus pobres dias
 A sina doida de um amor sem fruto...
 E minh'almana treva agora dorme
 Como um olhar que a morte envolve em Luto
 Que me resta meu Deus? !...morra comigo
 A estrela de meus cândidos amores

Já que não levo no meu peito morto

Um punhado sequer de murchas flores! (Azevedo, 1853/1994)

Percebe-se que o poeta não tem nenhuma perspectiva nesta vida e a morte é a única libertação para este tormento, e que todos os prazeres da vida citados no poema são para ele irrelevantes. Porém ele segue sua existência, e o ato de escrever, se colocarmos nesta ótica mais elementar, pode ser visto como um instinto do organismo, que, para evitar a autodestruição direciona o Tanathos para fora dele (Freud, 1923).

Já para identificar psicologia de grupos no Ultrarromantismo é necessário voltar ao conceito clássico de formação de um grupo segundo Freud:

Primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva ele se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, e por assim dizer, por meio da introjeção do objeto no Ego; e terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é seu objeto de instinto sexual (Freud, 1921, pág. 136)

Trazendo essa colocação para o contexto do ultrarromantismo se pode organizar assim: Primeiro o indivíduo consome a arte romântica, se identifica com ela e através dela adquire algum prazer, depois adota aquela ideologia para si e por último se aproxima de outras pessoas que tem um pensamento semelhante, mas que originalmente não tinha nenhuma relação para com ele, e aqui se forma um grupo de românticos.

Então se observa que o romantismo foi divulgado principalmente através de um mecanismo chamado de identificação. A identificação pode ser entendida como “o desejo ou possibilidade de colocar-se na mesma situação”, (Freud, 1921, pág. 135), assim o leitor se coloca no lugar do poeta ou escritor e adota as dores dele para si, pois acredita que elas são as mesmas das suas.

5. TANATHOS E A PSICOLOGIA DE MASSAS NA SUBCULTURA GÓTICA

Praticamente todas as facetas que se relacionam o Tanathos e a psicologia de massas apontadas neste trabalho em relação ao ultrarromantismo se aplicam a subcultura gótica, (Freud,1908,1920,1921,1923,1939), porém este movimento apresenta um grande diferencial: no período histórico em que a subcultura gótica surgiu a industrialização e massificação já tinham se estabelecido e suas facetas negativas eram extremamente visíveis nos grandes centros urbanos.

Esses fatores ruins afetavam principalmente os jovens que sentiam o peso de terem que recuperar sua sociedade sem nenhuma perspectiva de melhoria num futuro próximo, e para se ilustrar melhor esse contexto será utilizado uma música do *Joy division*; a canção em questão se chama *Decades*, e ela apresenta uma atmosfera melancólica produzida basicamente por sintetizadores e um vocal lento e suave que canta esta letra:

Aqui estão os jovens, o peso em seus ombros

Aqui estão os jovens, bem, por onde andaram?

Batemos nas portas da câmara mais sombria do Inferno

Levamos ao limite, nos arrastamos para dentro

Observávamos das alas enquanto as cenas se repetiam

Nós nos vimos agora como nunca tínhamos visto
Retrato do trauma e degeneração
As mágoas que sofremos e nunca fomos libertados
Por onde andaram?
Cansados por dentro, agora nosso coração está perdido para sempre
Não dá para substituir o medo, ou a ânsia da perseguição
Cada ritual mostrou a porta para nossas caminhadas sem rumo
Aberta e então fechada, e então batida na nossa cara
Por onde andaram?

O ambiente em que essa letra foi composta, o final dos anos 70, foram períodos de grande austeridade na Inglaterra, e por extensão em outros países da Europa, e toda essa atmosfera de descrença no futuro e falta de perspectiva para o presente foram grandes fomentadores do *pós-punk*, que é a gênese do gótico como movimento (Malpico, 2010).

A subcultura gótica também se apropriou de elementos estéticos do Expressionismo alemão, escola cinematográfica surgida na Alemanha pós-primeira guerra, cujos filmes transmitem uma aura desesperançada e sombria, fruto do sentimento de impotência ante a crescente miséria, os traumas de guerra e o vazio ideológico (Ambrósio et al, 2010).

Portanto, ao analisarmos tanto o contexto inglês do final dos anos 70 quanto da Alemanha pós primeira guerra, veremos que o sentimento de apatia tinha origem na sociedade e partir dela afetava e penetrava na psique daquelas pessoas que viveram naquele contexto histórico as tornando também apáticas, e isso vai de encontro ao conceito freudiano que mostrava como o grupo influencia e faz com que as emoções reinantes naquele grupo se torne também as emoções do indivíduo que nele se insere (Freud, 1923).

E todo esse contexto contrariava totalmente o pensamento do início da era industrial, que era de que a ciência poderia resolver todos os males da humanidade, e toda essa frustração é bem resumida nas palavras de Freud:

Durante as últimas gerações, a humanidade efetuou um progresso extraordinário nas ciências naturais e em sua aplicação técnica estabelecendo seu controle sobre a natureza de uma maneira jamais imaginada. Contudo, parecem ter observado que o poder recentemente adquirido sobre o espaço e o tempo, a subjugação das forças da natureza, consecução de um anseio que remonta a milhares de anos, não aumentou a quantidade de satisfação prazerosa que poderiam esperar da vida e não os tornou mais felizes (Freud, 1930, pág. 16)

Essa desilusão para com o presente faz com que o gótico busque o isolamento e uma espécie de nostalgia de um período que não viveu, tal como a era vitoriana ou mesmo épocas pré-cristãs, já que somente no passado ele acredita que encontrará a beleza que não encontra no presente (Bradley, 2007), (Villela et al, 2006), e tratando de um assunto semelhante Freud afirmava:

As eras há muito passadas exercem uma grande e frequentemente enigmática atração para a imaginação dos homens. Sempre que estão insatisfeitos com seu ambiente atual -e isso acontece quase sempre – se voltam para o passado e esperam ser agora capazes de demonstrar a verdade do imperecível sonho de uma Idade de ouro (Freud, 1939, pág. 85).

Essa negação da sociedade atual pode ser considerada um efeito colateral da civilização que Freud (1930) afirmava surgir na psique humana como resultado das frustrações que a sociedade nos impõe, pois, a mesma sociedade que garante a nossa sobrevivência nos obriga, direta ou indiretamente, a seguir uma série de regras que diversas vezes os indivíduos não concordam embora as siga.

A subcultura gótica pode ser vista como uma fuga destas regras uma vez que acha a cultura de massa estúpida, mas não busca modificá-la e sim tão somente suportá-la, e para tal situação permanece em contato com a sociedade que despreza, como uma espécie de máscara que só é tirada quando em solidão total ou na companhia de outros góticos. (Gordillo, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo destes dois temas aparentemente tão distintos reforça ainda mais o conceito que afirma que a História é cíclica conforme afirma Canfora (1993), pois ao se aplicar o conceito de pesquisa comparativa exposta por Fachin (2005) se pode observar que o comportamento, os ideais e mesmo o estado de espírito tanto no Ultrarromantismo quanto o Gótico são muito semelhantes, muito provavelmente por que o segundo é derivado indireto do primeiro.

Do mesmo modo que os ultrarromânticos se queixavam de uma vida sem sentido e tediosa, os góticos se queixam de uma sociedade consumista, onde não há espaço para o cultivo de seus sentimentos.

E assim como os ultrarromânticos buscavam a morte como a única solução para sua melancolia, os góticos a buscam indiretamente, seja nas reuniões em cemitérios, seja nas canções que eles tão avidamente escutam, seja na liturgia que eles carregam.

Outro ponto em comum é a distorção que as pessoas fora daquele meio fazem de ambos os movimentos, pois os ultrarromânticos foram em sua época taxados de depravados, vagabundos e satanistas (Merquior, 1977), ao passo que além de todos esses adjetivos, os góticos ainda são vistos como depressivos, drogados ou como suicidas em potencial, sendo que estes três últimos adjetivos ruins são alimentados, pelo menos no caso do Brasil, pela mídia que retrata os góticos de maneira caricata que pouco ou nada tem a ver com a subcultura desvendada no decorrer deste trabalho tal como mostra Abramo (1994).

O Ultrarromantismo pode ser visto como uma resposta negativa a todo o entusiasmo que tanto a Revolução industrial quanto as revoluções sociais criaram nas mentes das pessoas, pois a maioria das queixas não foram totalmente resolvidas por elas, e como resultado veio a apatia, o isolamento e a inquietude. Diante disso, se entregar a orgias desregradas e frequentar cemitérios parecia ser a única opção para lidar com a morte que logo os levaria deste mundo, que era visto por eles como tedioso.

Já a subcultura gótica é o outro produto que a sociedade industrial produziu, mas ao contrário do seu irmão mais velho, o punk, não estava interessada em destruição, nem em partir para a violência física. O gótico queria apenas olhar introspectivamente para si e isolar-se desta mesma sociedade que só se preocupa em conseguir bens materiais e esboçar sorrisos. O preto, cor tão presente nos subúrbios proletários europeus, se tornou a marca registrada deste movimento, que

evoluiu a ponto de ir muito além do estereótipo do homem ou mulher branco (a) que se veste de preto e fica tomando vinho em cálice em forma de crânio, e isso pode ser notado visto a grande quantidade de ramificações que essa subcultura apresenta.

E ainda no conceito de pesquisa comparativa proposto por Fachin (2005) as diferenças percebidas nestes movimentos ficam por conta principalmente daquilo que são suas espinhas dorsais: que no caso do Ultrarromantismo é a literatura e do Gótico é a música, mas sua dita “ideologia” é praticamente a mesma, o que mais mostra que mesmo com essas diferenças e somando a isso as diferenças relativas a período histórico, política e as demais questões sociais, esses movimentos tem muito mais semelhanças que diferenças.

Por fim se pode concluir que o gótico surgiu para mostrar que nessa sociedade atual existem diversas pessoas não satisfeitas com a vida que levam e que exibem lágrimas ao invés de sorrisos, e que buscam, ao montar grupos distintos, se separar do grosso da população, e que o mesmo pode ser dito sobre os ultrarromânticos séculos atrás, pois ambos se concentram basicamente na mesma questão: como encontrar uma solução para sua dor de existir?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abramo. Helena Wendel (1994). *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. Escrita. São Paulo.
- Alves. Castro (2005). *Espumas flutuantes*. Companhia Editora. São Paulo.
- Ambrósio. Júlia, M. Azzolino. Adriana. P. Real. Victor Kraide. C. (2010) O universo gótico e o cinema. Intercom- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Trabalho apresentado no XV Congresso da Comunicação da Região Sudeste – Vitória, ES, 13 a 15 de maio.
- Azevedo. Álvares (1994). *Lira dos vinte anos*. Editora FTD. São Paulo.
- Backes. Marcelo (2016a.) Prefácio. *In*. Os sofrimentos do jovem Werther. Porto Alegre. L& PM Pocket
- _____ (2016b.) Comentário final: os filhos de Werther. *In*. Os sofrimentos do jovem Werther. Porto Alegre. L& PM Pocket
- Baddeley. Gavin. (2007). *Mundo gótico*. Robin Book. Barcelona.
- Barbosa. Onédia Célia de Carvalho. (1974). *Byron no Brasil: traduções*. Ática. São Paulo.
- Bittencourt. Carolina Lucio (2005). *Depressão e romantismo: repensando a melancolia*. Monografia. Universidade Federal de São Carlos curso de graduação em Psicologia.
- Blake. William (1790). *O casamento do céu e do inferno e outros escritos*. Tradução de alberto marsicano - 2011. L&pm. Porto alegre.
- Britto, paulo henrique (2014). *O romântico neoclássico. In. Beppo: uma história veneziana*. 2014. Editora nova fronteira participações s.a. rio de janeiro.
- Canfora.I.(1993). *Le citoyen. In. Vernant.j. p(dir.) L'homme grec*. Seuil. Paris.
- Fachin. Odilia. (2005). *Fundamentos de metodologia 5 edição*. Editora saraiva. São paulo
- Faria.m. tereza (2010). Álvares de azevedo: um romântico singular. *In*. Noite na taverna. Álvares de azevedo. L&pm. Porto alegre.

- Ferreira.a.l. a & matsubara.l.s. radicais livres: conceitos, doenças relacionadas, sistema de defesas e estresse oxidativo. Rev. Associ. Med. Brasil. Vol. 43 n.1. São paulo. Jan.\mar.1997
- Freud. Sigmund (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Editora imago. Rio de janeiro.
- _____ (1908). Escritores criativos e devaneio. Editora imago. Rio de janeiro.
- _____ (1913). O interesse científico da psicanálise. Editora imago. Rio de janeiro.
- _____ (1920). Além do princípio do prazer. Editora imago. Rio de janeiro.
- _____ (1921). Psicologia de grupo e a análise do ego. Editora imago. Rio de janeiro.
- _____ (1930). O mal-estar na civilização. Imago. Rio de janeiro.
- _____ (1939). Moisés e o monoteísmo, três ensaios. Editora imago. Rio de janeiro.
- Gordillo, luis fernando (2011). *Los jóvenes góticos incipientes: entre la música alternativa y una percepción desolada de la existencia*. Culturales. Vol. VII, num. 13, enero – junio.
- Guerreiro. Emanuel (2014). A idéia de morte – do medo à libertação. *Revista diacrítica*, 28(2), 169-197.
- Hauser. Arnold (1982). História social da literatura e da arte. Mestre jou. São paulo.
- Lajolo. Marisa & campedelli. Samira. Castro alvez: o poeta que pede passagem. In. Castro Alvez\ seleção de textos, notas, estudos biográficos e exercícios. (1980). Abril educação. São paulo
- Lowy m. & sayre r (1932). Revolta e melancolia – o romantismo na contramão da modernidade. Traduzido por g. J. F. Teixeira. Editoras vozes. Petrópolis (originalmente publicado em 1932).
- Malpica. Alejandro garcia (2010). *Las tribus góticas. Anuario electronico de estudios en comunicacion social “dissertaciones”*, vol. 3, no. 1. Enero -junio. Universidad los andes.
- Marcial. Rogelio (2008). *Jóvenes em diversidad: culturas juveniles en guadalajara* (méxico). 2008.comunicacion, medios y consumo. Vol. 5. Num. 13. São paulo.
- Marsicano. Alberto. (2011). Apresentação. In. O casamento do céu e do inferno & outros escritos. L&pm. Porto alegre.
- Marinetti. Filippo (1980). Fundação e manifesto do futurismo. In. O futurismo italiano. Bernardini. Aurora (org.). Perspectiva. São paulo.
- Merquior. José g. (1977). De anchieta a euclides: breve história da literatura brasileira- 1. Livraria José Olympio editora, Rio de Janeiro
- Moisés. Massaud (2001). História da literatura brasileira. Aultrix. São paulo.
- Murdershowicz. Roxana (2008). *La generación multimedia, significados, consumos y prácticas culturales de los jóvenes*. Paidós. Buenos aires.
- Oliveira. Karla fernanda p (2016). A estética gótica e sua influência no vestuário. Trabalho de conclusão de curso, universidade tecnológica federal do paraná, coordenação do curso superior de tecnologia em design de moda, curso superior em design de moda. Orientadora prof.a me. Gabriela martins camargo.
- Passos. Antônio augusto soares de (1983). Poesias. Vega. Lisboa.
- Pavanelo. Luciene. M. Soares, de passos (2009). Álvares de azevedo e as diversas faces do ultrarromantismo. *Revista crioula* n.5.
- Rosa. A.l. b. Da & coelho.t.s.(2013). O mal do século e as boas influencias na contemporaneidade. Relatório final apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina estágio de

ensino de língua portuguesa e literatura ii do 9º período do curso de graduação em letras – língua portuguesa e literaturas de língua portuguesa (licenciatura). Universidade federal de santa catarina. Centro de comunicação e expressão. Departamento de língua e literatura vernáculas centro de ciências da educação departamento de metodologia de ensino. Florianópolis

Silva, lilliane m. A, & couto, luis flavio. (2009). A questão do suicídio: algumas possibilidades de discussão em durkheim e na psicanálise. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 61(3), 57-67. Recuperado em 15 de agosto de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1809-52672009000300007&lng=pt&tIng=pt.

Villela. G; santos. J; diniz. K. Torres. M; menezes. M (2006). Góticos, a vida em preto. Eclética. Julho /dezembro.

Villaça. Alcides (1994). Na intimidade romântica. In. A lira dos vinte anos. Editora FTD. São Paulo

FILMOGRAFIA

Drácula De Bram Stocker. Dir. Francis Ford Copolla. Roteiro: Bram Stoker E James V. Hart. 1992. American Zoetrope/ Sony Pictures Home Entertainment. 128 Min. Cor. Eua. Dvd

Edward Mãos De Tesoura. Dir. Tim Burton. Roteiro: Caroline Thompson. 1990.20th Century Fox. 105 Min. Cor. Eua. Dvd

Entrevista Com Um Vampiro. Dir. Neil Jordan. Roteiro. Anne Rice. 1994. Geffen Pictures/ Warner Bros. 123 Min. Cor. Eua. Dvd

Fome De Viver. Dir. Tony Scott. Roteiro: Whitney Strieber, Ivan Davis. 1983. Mgm/Entertainment Company. 100 Min. Cor. Reino Unido. Dvd

Nosferatu. Dir. Friederich W. Murnau. Roteiro: Bram Stoker E Henrik Garleen. 1922. Continental Home Video. P&B 94 Min. Alemanha. Dvd

O Corvo. Dir. Alex Prayas. Roteiro: John Shirley E David J. Schow. 1994. Buena Vista/Dimensions Films/Miramax Films. 102 Min. Cor Eua. Dvd

O Gabinete Do Dr. Caligari. Dir. Robert Wiene. Roteiro: Hans Janowitz e Carl Mayer. 1920. 71 min. P&b. Alemanha. DVD

MÚSICAS

Bela Lugosi's dead. Bauhaus. 1979. *Single LP. Small Wonder*.

Decades. Joy division. Disponível em *Closer*. 1980. *Factory records*.